

LÍNGUA E CULTURA

Aileda de Mattos Oliveira (FGS)

Para analisar-se um fato da língua, pode-se optar por, pelo menos, três linhas de trabalho. Na primeira, manter-se dentro dos limites do próprio fenômeno lingüístico, restringindo a ocorrência a uma determinada fase sincrônica; na segunda, comparar o resultado desse estudo com outros fenômenos ocorrentes em fases anteriores da língua; e na terceira, após o trabalho analítico dentro de uma sincronia, estabelecer uma correlação com os possíveis fatores extralingüísticos que poderiam ter concorrido para o aparecimento do fenômeno.

Preferiu-se a terceira possibilidade por coadunar-se com a linha de trabalho a que se está acostumada a realizar e por inferir que a língua, como uma produção do homem, reflete o seu estar-na-sociedade, situação que se define no seu registro lingüístico usual como a fixar-lhe o seu comportamento ético-social. Por outras palavras, é através da análise do repertório do falante, oral ou escrito, que se determinam as características marcantes de um período da língua, a qual, por conseguinte, espelha o saber, o querer, o participar desse falante num tempo e espaço históricos.

Quando se fala em “falante”, tem-se em mira uma sinédoque de “grupo social” ou de “comunidade de falantes”.

Essas características marcantes de que se falou anteriormente são observáveis em textos jornalísticos da imprensa escrita, radiofônica e televisual. Assim, os fatores socioculturais não podem ser esquecidos na análise conclusiva, por serem eles determinantes de mudanças que se processam no decorrer da história da língua que reflete, por sua vez, de forma circular, a história do povo que a fala.

No entanto, vem sofrendo a língua mutações muito rápidas. Talvez, essa conclusão deva-se a um olhar um tanto conservador da analista que percebe não só as tendências vocabulares como resultado da competição pela manutenção do índice positivo de venda de jornais e revistas, mas também a negligência com que os profissionais se exercitam na área da informação, propriamente dita, tendo em vista que a maneira como essas informações são transmitidas ao leitor, ou ao ouvinte, ou ao telespectador deixam de observar, em muitos casos, as normas básicas para a eliminação da interferência na comunicação.

Há, costumeiramente, ora a omissão do local onde ocorreu o fato

(‘onde?’), ora a ausência do sujeito, autor da ação (‘quem?’), ora a não-menção da maneira como o fato ocorreu (‘como?’) ora o esquecimento do momento em que ele aconteceu (‘quando?’), além de *preferências* vocabulares e estruturais das quais se tratará mais abaixo.

Essas “tendências vocabulares como resultado da competição pela manutenção do índice positivo de venda de jornais e revistas” ou de audiência estão associadas, infelizmente, ao índice negativo da imagem do leitor brasileiro: cada vez mais, menos escolarizado. A imprensa, para manter-se dentro das exigências das constantes estatísticas do mercado, não soube fazer do leitor um leitor, preferindo a vulgarização da linguagem coloquial como estratégia de sobrevivência.

O que se pesquisou, então, não foi unicamente a preferência de certas construções que passaram a dominar os meios de informação, pois é natural que a língua, como instrumento de expressão do pensamento, reflita as exigências pragmáticas de uma sociedade de mercado, cuja característica que se destaca de imediato é a eliminação das barreiras hierárquicas dos pronomes de tratamento, pela tendência à informalidade na comunicação. Pesquisou-se, igualmente, a transferência de responsabilidade das empresas jornalísticas que passaram ao computador a atividade de revisão das próprias produções de seus funcionários.

João Ribeiro, já em 1905¹, referia-se às diferenças existentes entre os escritos jornalísticos de sua época com os de trinta ou quarenta anos atrás, mas naturalmente essas diferenças atestadas eram de outra natureza, uma vez que no início do século vinte a atividade da imprensa estava de acordo com as necessidades da época, lenta e conservadora, pois o seu público-alvo era restrito, porque seletivo.

O que se constata, atualmente, é um descompromisso ético entre o autor do texto jornalístico e a sua língua, uma vez que a sociedade brasileira passa por prolongada crise de autoflagelação cívica, ao não se reconhecer capacitada a impor-se como expressão cultural da sexta língua mais falada no mundo.

Mário Barreto, em 1911, afirmara que “Nota-se com mágoa a sempre crescente decadência dos estudos de nossa língua” e em 1926², afirmava com satisfação que “Contra os que maltratam a linguagem serão sempre

¹ *Páginas de estética*. 2. ed. Rio de Janeiro : Livraria São José, 1963.

² *Através do dicionário e da gramática*. 4. ed. Rio de Janeiro : Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional pró-Memória/Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 1986.

mui nobres as cruzadas que se empreenderem e por isso observo prazenteiro como cresce o número dos que se dedicam ao estudo da língua.”

Referia-se ele aos consulentes que lhe dirigiam cartas, solicitando-lhe explicações sobre vários fatos da língua, quando, pelas colunas de jornais, exercia um criterioso trabalho filológico, de elucidar questões controvertidas.

Atualmente, não se pode deixar de estabelecer um paralelo entre o descaso profissional com o qual se usa a língua como instrumento de informação nos vários órgãos de imprensa, considerados estatisticamente líderes entre o público leitor, e a simultânea imposição de um novo comportamento social, reiteradamente ditado pelos roteiristas de novelas, com o intuito de estabelecerem como naturais, padrões existenciais particulares, portanto, minoritários, nem sempre avaliados convenientemente pelos telespectadores não-habituaados ao exercício da reflexão.

A língua é o instrumento pelo qual se define o perfil do usuário tanto em relação às suas convicções ideológicas, quanto aos signos-símbolos, caracterizadores de seu mundo axiológico. Estes, reflexos verbais do próprio *fazer* do falante, circunscrevem o seu campo de atuação e os seus objetivos de vida.

Há uma tendência ao naturalismo lingüístico, com a tentativa de eliminação das normas estruturais básicas de organização do pensamento como uma forma de simplificar o código e reduzir o tempo da mensagem, desde que — e isso é mais importante para as empresas — mantenha a diagramação determinada. Contudo, ignorar as regras elementares da organização sintática, significa induzir o leitor a um novo estado de língua que o leva à perda paulatina da sua capacidade lógico-cognitiva e, em consequência, de sua representatividade verbal, o que significa a manutenção da subserviência ideológica a conceitos ditados por estranhos interesses, contrários à própria evolução do país como nação culturalmente independente.

O Professor Evanildo Bechara, numa entrevista a um jornal do Rio de Janeiro (*O Dia*, 9/5/2000, p. 12, Cad. ‘Educação’.), diz que o brasileiro adotou o coloquialismo tanto no seu vestuário, quanto na sua linguagem. Isso vem reiterar o fato de que o comportamento social se reflete na realização lingüística. Porém, nesse coloquialismo, registro que predomina também nos textos escritos, percebe-se que se vão inserindo, de maneira freqüente, palavras antes consideradas de mau gosto, vulgares, ou chulas, numa tentativa reiterada de alguns grupos da imprensa, principalmente, a

televisual, forcejarem uma ideológica *democratização* da língua.

Eugenio Coseriu apontou o nível diafásico como aquele em que se concentram as diferenças expressivas da linguagem (a da mulher, a do homem, a da criança, a falada, a escrita, etc.). Isso significa que o lingüista admite a diferença entre os falantes de acordo com o sexo, de acordo com a faixa etária, pelo uso preferencial de certas expressões, de determinadas formações lingüísticas que clarificam a imagem do grupo a qual pertencem. No entanto, o vocabulário feminino ou infantil pouco difere do vocabulário masculino neste tempo de concorridas disputas pela supremacia do poder na moderna guerra dos sexos e pela entrada da criança prematuramente no mercado de trabalho da propaganda ou da teledramaturgia.

É de se notar a condescendência do Professor Bechara quando caracterizou a linguagem empregada pela maioria dos falantes, como “estilo coloquial do brasileiro”, porque é notória a impregnação de termos até então próprios do falar de alguns grupos, antes circunscritos a áreas menos conceituadas da cidade, com o coloquial, e que lhe dá um cunho de vulgaridade.

No que concerne à imprensa, seu objetivo primordial é divulgar notícias de maneira objetiva, buscando traduzir a verdade situacional do fato. No entanto, a objetividade do noticiário, fica prejudicada pela constante interferência do jornalista na própria notícia divulgada.

Registrou-se uma variada relação de verbos de caráter emocional e, portanto, subjetivos, que substituem os verbos *discendi*, quando o narrador introduz, de maneira opinativa, o ato de fala do personagem em questão (discurso direto), induzindo o leitor a uma atitude passiva diante da notícia jornalística, uma vez que o próprio redator da notícia já se lhe antecipou na interpretação do fato transcrito.

Seguem-se, em negrito, exemplos de alguns dos verbos preferenciais na escritura jornalística atual.

1) “Foi quando o presidente agradeceu a Tony Blair seu empenho na montagem do pacote de ajuda de 4,5 bilhões de dólares do FMI ao Brasil: “Fiz por sua causa, **acariciou** o primeiro-ministro inglês.” (*Veja*, 28/4/1999, nº 1595, p. 30)

2) “ A roupinha, assim como os mínimos detalhes do tema, foi confeccionada pela mãe da cantora, Maria José Del Papa. “A família toda está com a mão na massa há oito meses”, diz ela. “O palhaço é a maior alegria do circo e o Natan é a minha”, **derrama-se.**” (*Isto E*, 23/6/1999, nº 1551, p. 91.)

3) “Mais uma vez, ACM reagiu como um especialista na fabricação de crises e pegou pesado contra o STF. “O Supremo é o guardião da corrupção”, *disparou*.” (*Isto E*, 23/6/1999, nº 1551, p. 91.)

4) “Dono de um nome de muito peso para seu corpo franzino e pinta de adolescente, Antônio Carlos Magalhães Neto, 20 anos, estudante de direito, vai dando seus passinhos na trilha do avô senador. No último fim de semana, comandou, com jeito de quem nasceu para a coisa, a convenção nacional do PFL Jovem. “Ele fala com muita convicção e fez um ótimo discurso”, *derreteu-se* Antônio Imbassay.” (*Veja* 30/6/1999, nº 26, p.125.)

5) “Só acreditarei que vou disputar uma partida oficial pelo Flamengo quando estiver em campo”, *previne-se* Denílson.” (*O Dia* 5/9/2000, ‘Ataque’, p. 32.)

6) “Tenho 20 anos de carteira assinada, não caí de pára-quadras aqui. Quem escala são os dirigentes? Pois, sim... De repente, eles falam uma coisa e eu faço outra”, *esbravejou*, aos gritos [Joel Santana]”. (*O Dia* 5/9/2000, ‘Ataque’, p. 3.)

7) “O Fluminense não é o bloco do eu sozinho. Aqui, o individual fortalece o conjunto”, *constata*”. (*O Dia* 5/9/2000, ‘Ataque’, p. 3.)

8) “Lembro que eu era júnior no Grêmio e, num jogo, ele [o pai] deu um soco na cara de um torcedor que insistia em xingar minha mãe. Depois, nunca mais foi aos estádios me ver jogar”, *cita* Espinosa.” (*O Dia* 5/9/2000, ‘Ataque’, p. 3.)

9) “Temos duas guarnições que não estão aqui para buscar uma medalha, mas sim para defender seus títulos de campeões”, *frisou* Reinaldo, falando sobre a laser e a star.” (*O Dia*, 5/9/2000, ‘Ataque’ p. 3.)

10) “Agora, há um neozelandês muito bom, e o velejador inglês também ‘bem superior ao que foi a Atlanta. Se qualquer uma dessas tripulações levar o ouro não será loteria”, *acredita* o proeiro.” (*O Dia*, 5/9/2000, ‘Ataque’, p. 8.)

11) “Foram muitas [namoradas], mas eu só abri meu coração para quem realmente gosta de mim, *despista*.” (*Veja*, 19/1/2000, p. 133.)

12) “Natália Crelier, de 13 anos, levou cerca de três quilos de papel em rolos de cartas com declarações de amor para os dois irmãos. “Sandy e Júnior, amo vocês”, **berrava**. “Sandy’ é maravilhosa e suas roupas são lindas”, *derretia-se* Livia Áreas, de 10 anos, que contava com a aprovação mais que exagerada de Vítor Amares, de 11 anos. “Ela é a menina mais bonita do mundo, *gritava*. “O júnior é lindo”, *elogiava* também Bárbara de

Aquino de 11 anos.” (*O Dia*, 30/6/1999, Cad. D, p. 5.)

13) “Pego de surpresa, Temer foi aconselhado pelos companheiros de partido a revidar no mesmo tom. “Esqueça esse seu estilo de lorde inglês, **insuflou** Jader.” (*Isto É*, 23/6/1999, p. 86.)

14) ““Morar numa casa idealizada por ele [Zanine Caldas, arquiteto] é incorporar o prazer. É uma casa que pulsa. É bem, simples e funcional, é arte”, **descreve** a professora.” (*Isto É*, 23/6/1999, p. 28.)

15) “A magistratura não deve aceitar interferências nem espúrias nem inocentes”, **rebateu**, insistindo que não tem o mesmo estilo do velho político baiano.” (*Isto É*, 23/6/1999, p. 29.)

16) “Adorou ficar grávida”, **sensibiliza-se** Lizandra”. (*Caras*, 23/6/2000, sem número de página.)

O objetivo jornalístico sempre foi o de transmitir com clareza as informações divulgadas, pois é a forma de esses órgãos manterem a credibilidade com o público leitor esclarecido. No entanto, esse, atualmente, não deve ser o primeiro mandamento das atuais normas jornalísticas, considerando que foi transferida para o computador o trabalho de revisão do texto informativo.

Assim, encontram-se notícias mal estruturadas, com elementos gramaticais redundantes, ambíguos, sintaticamente inaceitáveis, além de erros de concordância e de regência, assinalando que o acento grave indicativo de crase inexistente para algumas publicações.

Da mesma forma, pôs-se em negrito o que se desejou ressaltar:

1) “Bolsonaro desfez a retratação, afirmando que a carta anterior não era de sua autoria *dele* e que a assinatura era falsa.” (*O Dia*, 30/6/1999, p. 12.) Não há possibilidade de ambigüidade, o que torna excrescente a inclusão do pronome.

2) “Hoje pensadores que estudam a ética, a lógica e a ideologia do esporte, eles divergem sobre a manipulação do corpo na busca de recordes.” (*Folha de S. Paulo*, 5/4/1999, C.4, p. 8.) O emprego de *eles* como referencial do sujeito (*pensadores*), como no exemplo, é uma prática da linguagem oral.

3) “*Conhecido como “esqueleto”, o batalhão do BOPE, no Parque Guinle, recebeu R\$ 1,2 milhão.*” (*Jornal do Brasil*, 4/7/2000, p. 19) Legenda sob uma fotografia de um “esqueleto” do prédio que abriga o Bope. O dinheiro destinava-se às obras do prédio e não ao batalhão.

4) “Patrícia e John pensavam que o carnaval *foi* em outubro.” (*Jornal do Brasil*, 1/3/2000, p.21.) O tempo verbal está fora do ritmo.

5) “A frase que, acompanhada de um simpático *sonzinho*, anuncia a chegada de mensagem nova na caixa postal.[...] A frase e o *sonzinho* continuam.” (*Jornal do Brasil*, 16/3/2000, *on line*, p. 3.) O erro ortográfico repetido indica que não ocorreu um mero lapso de digitação.

6) “Gostei tanto desta nova cueca que emprestei *do meu namorado*.” (*Veja*, 9/6/1999, p. 30, publicidade.) *Que pedi emprestada a do meu namorado*, a frase ignorada no texto publicitário, revela a simplificação estrutural, caminho para um novo tipo de regência verbal, principalmente na linguagem falada..

7) “O pacifismo seria a principal bandeira dos seres extraterrestres *que* Urandir Fernandes de Oliveira diz ter contato.” (*Isto É*, 4/8/1999, nº 1557.) A preposição *com* (com que=com os quais) foi omitida.

8) “Como dona Olga foi embora bem antes de a festa terminar, ela se despediu de Melissa pedindo que tomasse conta de alguns pertences do tenista, como o casaco de couro *que* ele chegou à festa.”. (*Jornal do Brasil*, 13/6/2000, p. 23.) O mesmo caso do exemplo 7).

9) “Os jurados Arrigo Barnabé e a professora **na** Teoria Literária da USP Walnice Nogueira Galvão criticaram as gravadoras que fazem “uma censura estética muito pior que a censura militar da década de 70”, disse Arrigo.” (*Notícias do Estadão*, *on line*. 9/7/2000.) Correto seria “professora de Teoria Literária”.

10) “O presidente do Sindicato garante que *vai faltar passageiros*, se forem liberadas novas autonomias.” (*O Dia*, ‘Especial’, 25/7/2000, p. 6.) A ausência de concordância do verbo com o sujeito posposto mostra, na modalidade escrita, o que é usual na linguagem oral.

11) “Patrícia Nunes, mãe de Alícia, de 4 anos, usa o leite de cabra desde que a menina *tem* 2 meses.” (*Jornal do Brasil*, 23/7/2000, p. 5.) O tempo verbal entra em conflito com a locução conjuntiva temporal *desde que* e o objeto direto *2 meses*.

12) “Um motorista de táxi, um soldado da Polícia Militar e dois suspeitos de assalto numa moto participaram ontem de manhã, de uma perseguição pelas ruas Marquês de Pombal, Riachuelo, Frei Caneca e de Santana, no Centro.” (*O Dia*, 7/3/1999.) A conjunção *e*, introduzindo o terceiro membro do sujeito composto de *participaram*, leva o leitor a inferir que *os dois suspeitos* eram partícipes de uma perseguição com o motorista e

com os policiais, quando, na realidade, eram os perseguidos.

13) “Irmãos somem na mata. *Adolescente estão perdidos* na Serra de Madureira.” (*O Dia*, 25/3/2000, p. 4.). A não-concordância entre o sujeito e o predicado tornou-se mais grosseiro por ser a notícia uma manchete.

14) “A cada ano, o Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo comprova que a imprensa vem ficando mais sensível **os** problemas sociais, em especial aos que envolvem crianças e adolescentes.” (*Isto É*, 29/3/2000, p. 42.) Falta acrescentar a preposição ao complemento nominal *aos problemas sociais*.

15) Mas, no geral, como as outras novelas da casa, O Cravo e a Rosa cheira *a bobagem*.” (*O Dia*, 2/7/2000, ‘Jornal da Televisão’, p. 22.) Ausência do acento indicativo de crase no objeto indireto *à bobagem*.

“Bagaço de cana dá origem **a** bateria.” (*Jornal do Brasil*, 19/6/2000, p. 12.) A mesma ocorrência observada no item 15), mas agora no complemento nominal.

16) “A Inspectora Geral da NASA, Roberta Gross, disse que o ataque só não teve conseqüências mais graves porque a agência tem *sistemas de defesa* outros meios auxiliares de tecnologia.” (*Jornal do Brasil*, 4/7/2000, p.12.) Deveria ser: tem *como sistemas de defesa*.

Outros exemplos com o emprego preferencial da preposição ‘para’ substituindo a preposição ‘a’ que indica movimento, foram registrados, mas não selecionados neste trabalho, em virtude do espaço disponível.

A ausência de personalidade do falante da língua portuguesa e o não-reconhecimento de sua importância (da língua) como instrumento de fortalecimento político-cultural dentro e fora das fronteiras do país, transformam-na em mero instrumento de comunicação, exposta às improvisações que lhe dita o pragmatismo quase sempre estropiador da construção adequada.

É um processo natural a evolução da língua, principalmente quando as mudanças sociais ocorrem por fatores diversos (que não cabem aqui discutir) e as necessidades do homem multiplicam-se num mundo em que se tornam cada vez mais céleres os descobrimentos tecnológicos e científicos, como os que ocorreram nos últimos cinquenta anos do século vinte.

Não são os neologismos inseridos no nosso cotidiano, muitas vezes criados para satisfazerem, momentaneamente, uma urgência de expressão, que aqui se critica, mas as contínuas distorções do dizer dos que assumem a responsabilidade da comunicação social e que na tradição brasileira, sempre

tiveram como escopo transmitir a informação precisa, pela exatidão vocabular e pela lógica de seu raciocínio, o que pode ser constatado nos órgãos de imprensa de outras épocas, microfilmados ou arquivados nas bibliotecas mais tradicionais da cidade.